



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14429 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O lugar-comum da indissociabilidade do cuidar e do educar: para além da educação infantil
 Eduardo Pereira Batista - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

O LUGAR-COMUM DA INDISSOCIABILIDADE DO CUIDAR E DO EDUCAR: PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: Nesse ensaio, sustento que o caráter indissociável do cuidar e do educar deve se estender para além da educação infantil. Tomarei essa indissociabilidade como um lugar-comum da educação. Assim, é possível inventar, no sentido retórico do termo, novos argumentos para pensar o cuidado como fundamento ético e político de toda educação digna desse nome.

Palavras-chave: Cuidado, Educação, Educação Infantil.

Introdução

É comum, desde a década de 1990, afirmar o caráter indissociável entre o cuidar e o educar na educação infantil (AZEVEDO, 2007; CAMPOS, 1994; CERISARA, 1999; COUTINHO, 2007; KULHMANN JR., 2000; MACÊDO, 2006). Essa indissociabilidade que hoje é admitida sem mais por diferentes discursos e atores sociais surge como resposta ao embate político colocado entre duas concepções de educação infantil. De acordo com Moyses Kulhmann Jr. (2000), a concepção educacional descrevia sua adversária, a concepção assistencialista, como uma abordagem não pedagógica, isto é, como o polo negativo de uma falsa polaridade. As análises de Kulhmann Jr. (1999; 2000) mostram que as instituições assistencialistas que foram concebidas, desde o século XIX, com a finalidade de atender

crianças órfãs e pobres também tinham uma proposta educativa, a saber, a pedagogia da submissão. Na medida em que essas instituições organizavam suas práticas em torno da domesticação e da obediência, conforme Kulhmann Jr. (1999), seria um equívoco sustentar a interpretação histórica segundo a qual a concepção educacional se oporia diametralmente à concepção assistencialista por inaugurar uma abordagem pedagógica no cuidado e na educação de bebês e crianças. A descrição dessa concepção como uma abordagem não pedagógica deixava fora de seu escopo as práticas higienistas e autoritárias, bem como os discursos filantrópicos e clientelistas.

Não obstante o equívoco dessa interpretação histórica que opunha uma concepção assistencialista a outra educacional, essa oposição foi fundamental para transformar uma experiência de desrespeito e humilhação em uma luta por reconhecimento (HONNETH, 2009). Desse embate político entre as concepções de educação infantil se desdobrou um novo embate acerca da identidade e da formação das/os profissionais que atuavam diretamente com bebês e crianças. Para Maria Malta Campos (1994), era preciso uma visão integrada do cuidar e do educar a fim de tornar mais fácil a superação da dicotomia entre o que se costumava chamar de concepção assistencialista e concepção educacional. Uma gramática do reconhecimento da docência na educação infantil exigia – e exige ainda nos dias de hoje – ações de resistência política. Há um resto daquela pedagogia da submissão (KULHMANN, Jr. 1999; 2000) que ainda permanece em nosso horizonte político. A luta por reconhecimento da docência na educação infantil continua a ser travada atualmente em diversos municípios brasileiros. Desde a década de 1990, a indissociabilidade do cuidar e do educar se converteu em um instrumento político contra o que restou dessa pedagogia da submissão, que não apenas submete bebês e crianças, mas também as trabalhadoras da educação. Trata-se de um dispositivo de submissão que dessubjetiva o sujeito histórico e de direitos. Desse modo, era possível extrair a mais-valia do trabalho de mulheres que atuavam diretamente com bebês e crianças, sem reconhecê-las como trabalhadoras da educação.

Ocorre que ao se tornar um importante instrumento político contra os efeitos desse dispositivo de submissão, a indissociabilidade do cuidar e do educar passou a ser usada como uma bandeira de luta pelos movimentos sociais que defendiam os direitos das crianças e se tornou um clichê no campo da educação infantil. Estamos suficientemente familiarizados com esse jargão a ponto de não mais nos interrogarmos sobre o alcance e o sentido político dessa indissociabilidade. Nesse ensaio, proponho pensar o caráter indissociável entre o cuidar e o educar como um lugar-comum para além da educação infantil. Mais precisamente, proponho pensar o cuidado como fundamento ético e político para toda educação digna desse nome. A fim de sustentar esse argumento, pretendo mobilizar algumas categorias do projeto filosófico arendtiano. Para Hannah Arendt (2013), a atividade da educação consiste, antes de tudo, em cuidar da novidade que vem ao mundo a cada nascimento e, ao mesmo tempo, das obras e dos monumentos do passado. Pode-se afirmar, nesse sentido, que da creche à universidade, o cuidar e o educar são indissociáveis.

Metodologia

A escrita de um ensaio pode ser caracterizada, nas palavras de Theodor Adorno (2003), como uma experiência de pensar metodicamente sem método. Nessa experiência, assinala Adorno (2003), a marcha do pensamento não avança em um sentido único, nem a trama dos conceitos se forma de maneira linear. O ensaio é, ao mesmo tempo, uma forma (ADORNO, 2003) e um estilo (AZANHA, 2011); um reordenamento crítico (LUKÁCS, 2018) e uma reconfiguração nova das coisas (BENSE, 2014). Ele permite ao ensaísta um modo de pensar disruptivo com a ilusão metodológica (AZANHA, 2011). O ensaio rompe com a ideia de que toda experiência rigorosa de pensamento, na medida em que almeja tecer pacientemente uma trama de conceitos, à maneira de uma investigação científica, deve se submeter às regras de uma metodologia.

O ensaio é um procedimento experimental que consiste em pôr à prova o valor heurístico de uma concatenação de ideias e argumentos (AZANHA, 2011; BENSE, 2014). Assim como, nas palavras de José Mario Pires Azanha (2011, p.79), “não há método para inventar ideias”, também não há método para concatenar novos argumentos. Ao assumir o risco de pensar metodicamente sem método, o ensaísta está implicado com sua escrita, revela sua posição ética e seu modo de habitar o mundo. Essa implicação ética do ensaísta com o objeto de seu ensaio configura, não uma metodologia, mas um modo de pensar e agir que busca, ao mesmo tempo, tornar visível um aspecto da existência e produzir a ocorrência concreta de uma ideia (BENSE, 2014).

O estilo ensaístico é o avesso do estilo abstracionista. O abstracionismo se baseia na esperança de aplicar adequadamente as regras de uma metodologia para, em condições análogas, repetir um experimento que foi bem sucedido. Por isso, o estilo abstracionista opera por difusão de jargões e criação de hábitos verbais (AZANHA, 2011). O estilo ensaístico, ao contrário, tenta traçar um caminho novo, busca inventar experimentalmente um caminho que ainda não foi descrito porque sua descrição só pode ser feita *a posteriori*. Por isso, o ensaio opera por combinação e serendipidade (BENSE, 2014; AZANHA, 2011). Buscaremos, nesse ensaio, pensar a indissociabilidade do cuidar e do educar como um lugar-comum, a partir do qual seja possível configurar o cuidado como fundamento ético e político da educação.

Análise e resultados

Ao contrário do clichê, que nos remete a uma repetição mecânica de um argumento (HANSEN, 2019), o lugar-comum aponta para um reservatório inventivo que nos possibilita a enunciação de novos argumentos. Se, por um lado, o uso repetitivo de um clichê possibilita reunir diferentes atores sociais em torno de um causa em disputa, por outro lado, nos faz

acreditar que o plano do enunciado e o plano da enunciação coincidem perfeitamente. A indissociabilidade do cuidar e do educar na educação infantil se torna um clichê quando repetimos mecanicamente esse jargão com um excesso de familiaridade (BRYNER, 2014). Quando repetimos que cuidar e educar são indissociáveis na docência da educação infantil, porque toda prática de cuidado é uma prática educativa, e vice-versa, buscamos restituir a equivalência entre duas práticas que, historicamente, assumiram valores sociais distintos. Defender o caráter indissociável da educação e do cuidado de bebês e crianças pequenas, em uma sociedade machista e patriarcal, implica lutar contra a naturalização dessas práticas como uma função biológica da mulher (CAMPOS, 1994; CANAVIERA, FARIAS, BATISTA, 2023). No embate político dos movimentos sociais, é importante para os nossos propósitos destacar que o movimento *Somos Todas Professoras* atualiza a luta pelo reconhecimento da integralidade da docência na educação infantil, na medida em que busca reconhecer como professora toda trabalhadora que atua diretamente com bebês e crianças em uma instituição de educação infantil. Portanto, não se trata de uma tentativa de destituir a força política desse jargão no campo da educação infantil, mas antes de inventar a partir dele um argumento a favor da dignidade da educação.

Na tradição retórica, de acordo com João Adolfo Hansen (2019), o lugar-comum é um argumento genérico a ser especificado por uma questão particularizadora (HANSEN, 2019). Pensar a indissociabilidade do cuidar e do educar como lugar-comum implica criar uma nova configuração entre essas duas atividades. O primeiro passo nesse sentido é romper o círculo vicioso do cuidar é educar e educar é cuidar. Embora essa tautologia possa ser utilizada estrategicamente no embate político dos movimentos sociais, a circularidade desse argumento produz um efeito paralisante que pode nos levar a uma derrota do pensamento (BRYNER, 2014).

Proponho pensar o cuidado como um argumento genérico e a educação como uma questão particularizadora. Nesse sentido, o cuidar não se reduz ao cuidado com o corpo. Quem cuida de um bebê ou uma criança, cuida da vida de um recém chegado. O trabalho de quem cuida não deixa vestígios permanentes porque seus produtos (o dar banho, o alimentar, o trocar, o ninar etc.) são consumidos imediatamente pelo corpo de quem é cuidado (ARENDDT, 2015). Essa modalidade do cuidar, o cuidado com o corpo, é apenas uma dentre outras. O que elas têm em comum é precisamente essa atitude que visa conservar e proteger alguma coisa. Essa atitude responsiva e responsável por aquilo julgamos ser digno de permanecer no mundo é que o Arendt chamou de *amor mundi*.

Diante desse argumento genérico que sustenta o cuidado como uma atitude responsiva e responsável que visa conservar e proteger alguma coisa que julgamos ser digna de transcender nossa existência e permanecer em nosso mundo comum, a questão da educação particulariza uma modalidade específica do cuidar. É desse lugar-comum da indissociabilidade do cuidar e do educar que o cuidado pode se configurar como fundamento ético e político da educação. No projeto filosófico arendtiano, quem assume a tarefa de educar os mais novos deve assumir, ao mesmo tempo, a responsabilidade pela continuidade do

mundo e pela vida e formação da criança (ARENDDT, 2013). Essa dupla responsabilidade muitas vezes não coincide, e pode inclusive entrar em conflito mútuo. É preciso cuidar da criança contra as ameaças do mundo e cuidar do mundo contra o assédio do novo que irrompe a cada nova geração (ARENDDT, 2013).

A educação consiste em familiarizar os recém chegados com os objetos materiais e simbólicos que constituem nosso mundo humano e comum. O que está em jogo na tarefa de educar os mais novos é, portanto, a maneira como assumimos nossa dupla responsabilidade pelo mundo e pelas crianças. É nesse sentido que a indissociabilidade do cuidar e do educar está diretamente relacionada com o nosso compromisso ético e político com aquelas pessoas que vieram antes de nossa chegada ao mundo e com aquelas que permanecerão depois de nossa partida.

Considerações finais

Pensar a indissociabilidade do cuidar e do educar como lugar-comum possibilita pensar o cuidado como fundamento ético e político da educação. Educar é, nesse sentido, uma atividade que deriva do cuidado. É porque desejamos que algo do mundo deva permanecer ao longo do tempo que nos engajamos ativamente para transmitir aos mais novos os objetos, materiais e simbólicos, da cultura; as obras e os monumentos do passado. A escolha do que transmitir aponta para uma dimensão política do educar, e a maneira como o fazemos revela nossa posição ética perante os sujeitos da educação. O cuidar e o educar estão entrelaçados toda vez que assumimos nossa dupla responsabilidade pela continuidade do mundo e pela novidade que vem ao mundo a cada nascimento. Essa atitude responsiva e responsável, que demonstra se amamos o suficiente o mundo para salva-lo das ruínas e, ao mesmo tempo, se amamos o bastante as crianças para não expulsa-las de nosso mundo (ARENDDT, 2013), pode ser considerada como uma das bases para amar-zonizar e reconstruir o país.

REFERÊNCIAS

ADORNNO, Theodor. **Notas de literatura**. São Paulo: Editora 34, 2003.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectivas, 2013.

AZANHA, José Mario Pires. Uma ideia de pesquisa educacional. São Paulo: Edusp, 2011.

AZEVEDO, Heloisa Helena. O binômio cuidar-educar na Educação Infantil e a formação inicial de seus profissionais. **30ª Reunião Anual da Anped**, 2007.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. **Revista Serrote**. São Paulo, n.16, p. 169-184, 2014.

BRYNER, Flávio Henrique. O clichê: nota para uma derrota do pensamento. Por uma consciência ingênua. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 2, p. 557-572, 2014.

CAMPOS, Maria Malta. Cuidar e educar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília: MEC, p. 32 - 42, 1994.

CANAVIEIRA, Fabiana; FARIAS, Franklin Roosevelt; BATISTA, Eduardo Pereira. Pedagogias do cuidar: para além dos cuidados com os corpos infantis. In: BATISTA, Eduardo Pereira; CAMPOS, Bruno Ribeiro. **Formações de Narizinho**: Uma ideia de formação continuada. São Carlos: Pedro & João, 2023.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? In: **Perspectivas**. Florianópolis, n. 17, n. Especial, p. 11-21, jul./dez., 1999.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Educação Infantil: espaço de educação e cuidado. **30ª Reunião Anual da Anped**, 2007.

HANSEN, João Aldolfo. Lugar-comum. In: CUNHA, Cilaine Alves; LAUDANNA, Mayra (Org.) *Agudezas seiscentistas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2009.

KULHMANN JR, Moysés. História da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 14, p.05-18, mai./ago, 2000.

KULHMANN JR., Moysés. Infância e educação infantil. Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro; DIAS, Adelaide Alves. O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil. **29ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2006.

PIRES, Paulo Roberto (Org.) **Doze ensaios sobre o ensaio**. Antologia *serrote*. São Paulo: IMS, 2018.